

# Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

(Patterns of lexical variation in South region from the data of the Project Linguistic Atlas of Brazil)

Valter Pereira Romano<sup>1</sup>, Vanderci de Andrade Aguilera<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

valter.romano@hotmail.com, vanderciag@gmail.com

**Abstract:** This paper discusses the diatopic distribution of lexical variants for the question 156 *What is the name of the round glass thingies that boys like to play with?* proposed by Semantic-Lexical Questionnaire of ALiB Project. The corpus used was collected by the project team in 42 southern cities with 168 informants. The results obtained were compared with the linguistic letters of ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) and showed different linguistic behaviors in each of the states. Thus, the research confirms, in a lexical level, the hypothesis of Görski (2012) and Altenhofen (2005) about the non homogeneity of linguistic patterns in southern Brazil.

**Keywords:** lexical variations; Project ALiB; South Region.

**Resumo:** O trabalho discute a distribuição diatópica de variantes lexicais para a questão 156 *como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*, proposta pelo Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. O *corpus* utilizado refere-se ao que foi coletado de 168 informantes pela equipe do Projeto em 42 cidades sulinas. Os resultados obtidos são comparados com cartas linguísticas do ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) e evidenciam comportamentos linguísticos diferenciados em cada um dos estados. Dessa forma, a pesquisa ratifica, no nível lexical, as hipóteses de Görski (2012) e de Altenhofen (2005) acerca da não homogeneidade de padrões linguísticos no Sul do Brasil.

**Palavras-chave:** variação lexical; Projeto ALiB; região Sul.

## Introdução

Este trabalho visa a discutir os diferentes padrões de variação lexical na região Sul do Brasil a partir de dados geolinguísticos. Para tanto, utiliza como *corpus* de análise os dados coletados pela Equipe do Projeto ALiB<sup>1</sup> em 42 cidades sulinas (17 paranaenses, 10 catarinenses, 15 gaúchas) de 168 informantes de nível fundamental de escolaridade.<sup>2</sup> Nessa oportunidade, foi selecionada a questão 156 do Questionário Semântico-Lexical

1 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB, é um projeto de pesquisa nacional e interinstitucional, com sede na Universidade Federal da Bahia, sob a presidência da Dr<sup>a</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso e dirigido por um Comitê Nacional formado por pesquisadores de universidades de oito estados. O Projeto ALiB visa a descrever a variante brasileira da língua portuguesa nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, por meio da aplicação de questionários a informantes de todo território nacional, para, assim, formar um banco de dados que, posteriormente, será utilizado para a elaboração de um Atlas Linguístico de âmbito nacional. Mais informações podem ser obtidas em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>>.

2 De acordo com o objetivo do trabalho, não foram considerados os dados dos informantes de nível superior também entrevistados em cada uma das três capitais (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba).

do Projeto ALiB que traz no *caput* a seguinte formulação: *como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Os dados são tratados quantitativamente por meio de tabela, gráfico e cartas linguísticas e, qualitativamente, buscando relacionar os resultados observados nesta pesquisa aos trabalhos já publicados acerca da variação lexical na região Sul, bem como correlacionando aos dados da carta 302 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011). Para isso, foi realizada uma revisão da literatura que permitiu verificar a existência de diferentes padrões de variação linguística no sul do Brasil, o que não permite englobá-la na mesma comunidade linguística, ou seja, há diferentes padrões de variação dependendo do estado e mesmo no interior de cada estado.

### Os padrões de variação e a delimitação de áreas dialetais

A região Sul do Brasil apresenta mais diferenças do que semelhanças (GÖRSKI, 2012). Apesar de o senso comum caracterizá-la, assim como as outras regiões brasileiras, como uma área homogênea com traços linguísticos peculiares logo identificados em vagas afirmações como *a fala do sul, a fala do sudeste, a fala do nordeste etc.*, uma rápida observação de traços linguísticos permite refutar essa hipótese generalizante conforme atesta o trabalho de Görski (2012).

Partindo dos dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul), a autora identificou diferentes padrões sociolinguísticos nas três capitais sulinas quanto ao (i) comportamento da vibrante pós-vocálica, (ii) alternância dos pronomes *tu/você* e concordância verbal com *tu* e (iii) o comportamento dos marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção *olhar/ver*. Assim, revisitando os trabalhos de Monareto (2000; 2009) e de Monguilhott (2007), Görski conclui que a realização da vibrante em Florianópolis se particulariza por apresentar tendência à posteriorização e ao apagamento, enquanto em Curitiba e Porto Alegre prevalece o tepe. Com base nos resultados dos trabalhos de Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004), a alternância no uso dos pronomes *tu/você* e a concordância verbal com *tu* apresentam comportamento diferenciado:

(i) Curitiba se diferencia das demais capitais pelo uso exclusivo de *você*; (ii) Florianópolis (e o distrito do Ribeirão da Ilha) se distingue de Porto Alegre pela tendência à marcação de concordância verbal canônica (*tu vais*) e à assimilação na flexão verbal de pretérito perfeito (*tu fosse*<sup>3</sup> em vez de *tu foste*); (iii) Porto Alegre se caracteriza pela preferência pelo uso de *tu* sem flexão verbal canônica (*tu vai*); (iv) certos efeitos de contexto aproximam Florianópolis e Porto Alegre: uso de *tu* com referente determinado e, no caso de concordância marcada, isso tende a se dar sem pronome explícito. (GÖRSKI, 2012, p. 815)

Quanto à variação dos usos dos marcadores discursivos OLHA/VÊ, a partir dos resultados encontrados no trabalho de Rost (2002), Görski tece as seguintes conclusões:

(i) em Curitiba há mais recorrência do marcador VÊ enquanto em Florianópolis e Porto Alegre predomina OLHA; (ii) em Curitiba se encontram mais formas subjuntivas dos marcadores (*olhe e veja*) do que nas demais capitais onde há largo domínio de formas

3 A passagem de *-st >- ss* lembra a assimilação consonantal progressiva como ocorreu/ocorre com outros grupos consonantais, tais como: *persicum > pêssego*; *adversum > avesso*; *ipse > esse*.

no indicativo (olha e vê(s)); (iii) em Curitiba se mostra bastante significativo o fator ‘sequência textual argumentativa’ sobre o uso do marcador VÊ; (iv) as três capitais compartilham um mesmo efeito contextual forte: OLHA é o marcador favorecido em contextos com traços interativos e/ou subjetivos e VÊ é privilegiado em contextos com função mais textual. (GÖRSKI, 2012, p. 815)

Afirmações generalizantes acerca da fala da região Sul, portanto, devem ser evitadas, pois os três estados não compõem uma única comunidade de fala (GÖRSKI, 2012). Observa-se que essas diferenças linguísticas – ou diferentes padrões – estão sendo evidenciados por diversos estudos linguísticos, seja sob a perspectiva da sociolinguística variacionista seja sob o ponto de vista da dialetologia.

Os trabalhos de cunho dialetológico, no entanto, têm caminhado com vistas a delimitar áreas dialetais na região Sul, tanto na perspectiva fonética quanto na lexical e morfossintática. Na fonética, por exemplo, destaca-se a tese de Mercer (1992) sobre as áreas fonéticas do Paraná. Pautando-se em dados fonéticos e lexicais, encontra-se a tese de Aguilera (1990), que elaborou o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR). Sob a perspectiva lexical e considerando as áreas de colonização em Santa Catarina, apresentam-se os trabalhos de Vieira (2004) e o de Margotti e Vieira (2006). Koch (2000), por sua vez, trata de aspectos fonéticos de toda a região Sul baseando-se em cartas linguísticas do ALERS,<sup>4</sup> e Altenhofen (2005) analisa dados fonéticos e morfossintáticos que definem áreas dialetais no sul do país, também a partir das cartas fonéticas e morfossintáticas do referido atlas regional.

O que se verifica é que esses diferentes padrões de variação linguística na região decorrem de fatores históricos evidenciados pelos processos de ocupação e povoamento. Nesse sentido, Koch (2000), com base em cartas fonéticas do ALERS, divide a região Sul em duas grandes áreas linguísticas: a paranaense e a rio-grandense, identificando o Estado de Santa Catarina como uma área de transição, denominada por ele como *Leque Catarinense*. Essa divisão decorre de “dois movimentos colonizadores em sentidos opostos, um que partia do ‘Paraná antigo’ em direção ao sudoeste e outro que seguia do vale do Rio Jucuí em direção ao norte” (KOCH, 2000, p. 56). Assim, traça linhas de isófonas que diferenciam a faixa litorânea de Santa Catarina, colonizada por açorianos, o feixe secundário paranaense, que divide o Paraná no sentido leste-oeste e o feixe secundário rio-grandense “que acompanha de perto a encosta da Serra Geral” (KOCH, 2000, p. 58).

Altenhofen (2005) faz uma releitura de Koch (2000) e amplia o conceito do *Leque Catarinense* caracterizando-o com uma série de desdobramentos (ALTENHOFEN, 2005, p. 188). Dessa forma, o autor levanta nove hipóteses que podem ser confirmadas a partir das cartas fonéticas e morfossintáticas do ALERS e delimita oito áreas linguísticas na região Sul, a saber:

---

4 O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul é o primeiro atlas linguístico brasileiro que contempla toda uma região administrativa do país. É composto de dois volumes: o primeiro contendo a parte introdutória, metodológica, cartas fonéticas e morfossintáticas e o segundo volume constando de 374 cartas semântico-lexicais e anexos. É um atlas monodimensional, na sua essência, pois na coleta de dados apenas a dimensão diatópica foi controlada rigorosamente. O caráter do ALERS é rural, embora alguns inquéritos tenham sido realizados em 19 centros urbanos. Nas palavras de Altenhofen (2005), trata-se “de um atlas regional voltado, em primeira mão, à variação diatópica do português rural das classes menos escolarizadas, com idade girando em torno de 45-50 anos” (ALTENHOFEN, 2005, p. 184). O ALERS teve uma nova edição publicada pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2011.

- (1) Área de transição (*Leque Catarinense*, postulado por Koch (2000));
- (2) Corredor central de projeção paranaense;
- (3) Corredor oeste de projeção rio-grandense;
- (4) Corredor leste de projeção rio-grandense (*Feixe Rio-Grandense*, na interpretação de Koch (2000));
- (5) Zona lateral açoriano-catarinense;
- (6) Zona lateral do Paraná do norte (*Feixe Paranaense*, na interpretação de Koch (2000));
- (7) Zona lateral da fronteira sul-rio-grandense;
- (8) Áreas bilíngues de português de contato. (ALTENHOFEN, 2005, p. 197)

Apesar de essas áreas linguísticas identificadas no sul do Brasil refletirem um conjunto de isoglossas de análises de cartas fonéticas e morfossintáticas, o presente trabalho busca verificar a coincidência dessas áreas em dados lexicais. Nesse sentido, apresentam-se, na próxima seção, algumas abordagens pautadas no léxico a partir dos dados do ALERS.

### Alguns trabalhos lexicais com base no *corpus* do ALERS

O banco de dados do ALERS, antes da publicação das cartas léxicas,<sup>5</sup> subsidiou diferentes trabalhos acerca da variação lexical na região Sul, seja sob a perspectiva dos contatos linguísticos ou mesmo para a delimitação de áreas dialetais. Nessa seção, apresentam-se alguns desses trabalhos que podem ser correlacionados ao *corpus* aqui analisado.

Vieira (2004), por exemplo, analisa traços de bilinguismo em comunidades monolíngues no *corpus* coletado para o ALERS, utilizando dados referentes a seis cidades catarinenses junto a 18 informantes monolíngues de português (três em cada cidade). Os dados referem-se à fala de informantes estratificados em três níveis de escolaridade (I – semianalfabeto, II – 1º grau completo e III – 2º grau completo). A autora analisa questões da área semântica *festas e divertimentos*, associando o registro das variantes lexicais às áreas de povoamento de cada região. Dessa forma, além da dimensão diatópica, Vieira verificou a dimensão diastrática e a dialingual da variação. Os resultados das cartas estudadas comprovam a hipótese já confirmada em trabalhos anteriores sobre a influência do bilinguismo minoritário no português de Santa Catarina. Sobre a questão da *bolinha de gude*, a autora faz as seguintes considerações acerca das variantes documentadas:

[...] a) *bolita*, do espanhol platino, brasileiro do Rio Grande do Sul (doravante RS) que ocorre em Chapecó nos três níveis e Lages (II), municípios que receberam forte influência de RS. Vide Carta QSL 0513.a – *bolinha de gude* (da pesquisa urbana); b) (*bolinha de gude*, de. “*gode*, provincianismo minhoto – Portugal”, (FERREIRA, 1986, p. 513) ocorre no litoral, zona de imigrantes açorianos como Florianópolis II e III, Criciúma, II e III, e em Lages I e III, zona de influência de lusos de São Paulo; d) *bolinha de vidro*, com 16,67%, ocorreu apenas no nível I das cidades de Criciúma, Florianópolis e Joinville; enquanto “*clica*”, não dicionarizado, possivelmente de clique (clicar) com 16,67 %, em alemão *klicken*, (LANGENSCHIEDT, 2001, p. 172) ocorre em Blumenau (colonização alemã) nos níveis I, II e III, e “*peca*” não dicionarizado, vocábulo muito comum na cidade de Joinville onde ocorreu em II e III. (VIEIRA, 2004, p.8)

<sup>5</sup> O volume de cartas lexicais do ALERS foi publicado em 2011, conforme consta das referências.

Margotti e Vieira (2006) apresentam os aspectos lexicais que caracterizam o Estado de Santa Catarina como a área de transição entre duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio-grandense, tese esta apresentada por Koch (2000). Os autores analisam as cartas linguísticas do ALERS considerando a variação e a arealização. Agrupam as cartas analisadas em três tipos básicos: a) cartas com pouca variação e áreas mais definidas; b) cartas com pouca variação e referentes não conhecidos na faixa nordeste do estado; e c) cartas com alta variação e áreas pouco definidas. A ocorrência das variantes e a identificação das áreas de isoléxicas são associadas aos processos de ocupação e povoamento de cada uma das áreas e também à topografia do estado. Dessa forma, dentre outras conclusões, os autores constataram que as diversas isoléxicas apontam para a existência de duas áreas linguísticas no Estado de Santa Catarina: a faixa leste e a faixa oeste, separadas pela Serra Geral. Salientam ainda que há uma área lateral no nordeste do estado isenta de projeções rio-grandenses e hipoteticamente influenciada pelas projeções paranaenses. Segundo Margotti e Vieira (2006, p. 258), essa é a principal contribuição do estudo, pois, trata-se “de uma área que se sobrepõe ao falar açoriano-catarinense e às variedades do português de contato com as línguas de imigrantes europeus”.

Margotti e Rocha (2008) discutem os empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol analisando duas cartas linguísticas do ALERS, carta 001 – morro e carta 007 – riacho. O artigo centra-se nas variantes lexicais *cerro* e *coxilha*, da primeira carta, e *sanga* com suas variantes mórficas *sanguinha/sangão*, registradas na carta 007. Dessa forma, pautando-se em obras lexicográficas do espanhol e do português, discutem a etimologia dos vocábulos, as respectivas acepções e a arealização dos itens lexicais *cerro* e *sanga*. Concluem que a difusão das variantes projeta-se do sul para o norte a partir das fronteiras com o Uruguai e a Argentina, “ora fazendo o percurso das rotas de migração dos gaúchos rumo à exploração do Centro-Oeste do país, ora avançando em direção ao Centro de Santa Catarina e Paraná, delineando os caminhos dos tropeiros” (MARGOTTI; ROCHA, 2008, p. 9).

Pinho e Margotti (2009) tratam alguns aspectos da variação lexical no sul do Brasil, com enfoque principal no território de Santa Catarina, discutindo a distribuição diatópica das variantes lexicais para os itens 497 e 498 do campo semântico “crenças e religião” do Questionário Semântico-Lexical do ALERS. As questões analisadas trazem no *caput* a seguinte formulação: “Deus está no céu e no inferno está o...?” e “Que outros nomes dão para ele?”. Os autores analisam a variação no uso do vocábulo *demônio* na região Sul e também do fenômeno de palatalização que ocorre na última sílaba desse vocábulo – *demônio/demonho*. Comparam os dados do ALERS das zonas urbana e rural com a finalidade de descobrir em qual dessas existe maior variação lexical no emprego do vocábulo *demônio*. Dessa forma, os dados analisados confirmam a hipótese de que Santa Catarina é uma área de transição entre o Paraná e Rio Grande do Sul, já atestada por outros estudiosos como Koch (2000), Altenhofen (2005), Margotti e Vieira (2006). Concluem que a forma palatalizada é mais frequente em Santa Catarina, ocorrendo também no Paraná, ao passo que, no Rio Grande do Sul, não é registrada. Quanto às diferenças entre dados das zonas rural e urbana, os autores afirmam:

[...] tudo leva a crer que as condições sociais das zonas rurais propiciam a formação de novas variantes para um mesmo vocábulo. Assim, é em tais regiões que mais facilmente encontra-se um léxico mais repleto/rico de regionalismos, portanto, com marcas mais

peculiares e próprias do dialeto local. Traços que são impressos pela cultura daqueles que fazem uso da língua. Por outro lado, nos centros urbanos há uma grande tendência para o uso de uma linguagem mais “padronizada”, no caso, de um léxico mais padrão e, assim, constituído por um número bem menor de regionalismos. (PINHO; MARGOTTI, 2009, p. 59)

Diversos estudos, portanto, têm comprovado que o Estado de Santa Catarina apresenta particularidades, ora se identificando com os traços linguísticos do Paraná, ora com os do Rio Grande do Sul. A área de transição entre esses dois grandes falares, conforme se observa pela literatura consultada, deve-se aos diferentes processos de ocupação e povoamento ocorridos em cada um dos estados que compõem essa região administrativa. Nesse sentido, busca-se neste trabalho: (i) verificar a correspondência desses traços nos dados coletados para a elaboração do Projeto ALiB; (ii) identificar áreas de isoléxicas que evidenciam os diferentes padrões de variação lexical no sul do país; (iii) e como esses padrões delimitam áreas dialetais.

## Análise dos dados

O *corpus* analisado refere-se às respostas de 168 informantes naturais de 39 municípios do interior dos estados e das três capitais sulinas (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba). Em cada uma das localidades foram entrevistados quatro informantes, distribuídos equitativamente entre as variáveis sexo e faixa etária, ou seja, um homem e uma mulher da primeira faixa etária (18 a 30 anos) e um homem e uma mulher da segunda faixa etária (50 a 65 anos), todos com ensino fundamental incompleto.<sup>6</sup>

Entre os 168 informantes, foram documentados 231 registros para a questão 156 do QSL, distribuídos em oito variantes lexicais, conforme os dados da Tabela 2.<sup>7</sup>

**Tabela 2: Distribuição geral das variantes lexicais para a questão 132 do QSL na rede de pontos do sul do Brasil.**

SUL		
variantes	n	%
bolinha de gude	91	39,39
Bolita	59	25,54
búlica/búrica	24	10,39
bolinha de vidro	23	9,96
burca/burquinha	15	6,49
Bulica	10	4,33
quilica/clica	5	2,16
Peca	4	1,73
<b>TOTAL</b>	<b>231</b>	

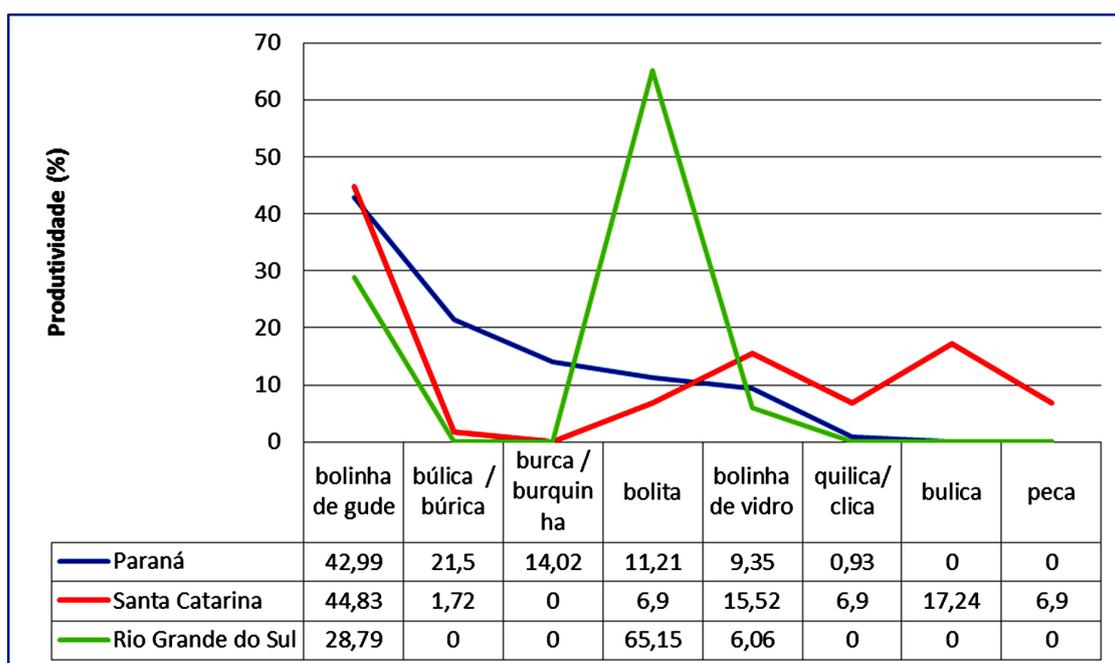
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB relativos à rede de pontos da região Sul (2013).

<sup>6</sup> Dados os objetivos deste trabalho, não foram consideradas as variáveis sexo e faixa etária na análise dos dados.

<sup>7</sup> Não foram consideradas as variantes que apresentaram ocorrência única no *corpus*: *bolinha*, *pilica*, *tilica*, *boleja*, *bolinha de ima* e *biola*.

A variante mais produtiva, no conjunto de todas as respostas (*bolinha de gude*, *búllica/búrlica*, *burca/burquinha*, *bolita*, *bolinha de vidro*, *quilica/clica*, *bulica* e *peca*) é *bolinha de gude*, que representa 39,39% do *corpus*, seguida de *bolita* (25,54%), *búllica/búrlica* (10,39%) e *bolinha de vidro* (9,96%). Com menor produtividade, encontram-se *burca/burquinha* (6,49%), *bulica* (4,33%), *quilica/clica* (2,16%) e *peca* (1,73%).

A Figura 1 apresenta a produtividade dessas variantes considerando a unidade federativa em que cada uma das formas ocorreu.



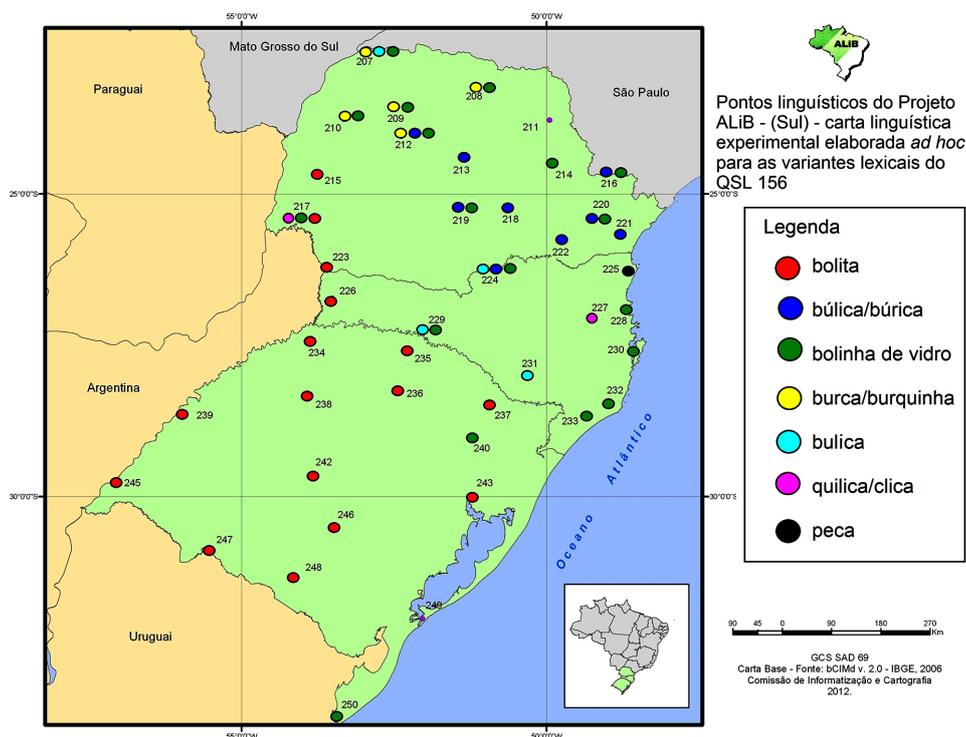
Fonte: Banco de dados do ALiB (2013)

**Figura 1. Produtividade das variantes lexicais para a questão 156 do QSL nos estados da região Sul**

Nos estados de Santa Catarina e Paraná, predomina a variante *bolinha de gude* em 44,83% e 42,99% das respostas, respectivamente. No Rio Grande do Sul, no entanto, *bolita* é a variante mais produtiva (65,15%), seguida de *bolinha de gude* (28,79%) e *bolinha de vidro* (6,6%).

No Paraná, a segunda variante mais produtiva foi *búllica/búrlica* (21,5%). Em Santa Catarina, esta forma lexical obteve baixa representatividade (1,72%). Ainda como variante coincidente entre os estados de Santa Catarina e Paraná encontra-se a variante *quilica/clica* com 0,93% de representatividade no Paraná e 6,9% de produtividade em Santa Catarina. Como forma típica do Paraná, foi documentada a variante *burca/burquinha* (14,02%) e, como variantes exclusivas das localidades catarinenses, encontram-se as variantes *bulica* (17,24%) e *peca* (6,9%).

A Figura 2 apresenta a distribuição diatópica de sete variantes documentadas no *corpus*, excetuando-se a variante *bolinha de gude*, pois, das 42 localidades consultadas, em apenas oito, a referida forma lexical não foi registrada: pontos 207 – Nova Londrina, no Paraná, e pontos 235 – Erechim, 236 – Passo Fundo, 238 – Ijuí, 239 – São Borja, 245 – Uruguaiana e 246 – Caçapava do Sul, cidades gaúchas em que ocorreu, exclusivamente, a variante *bolita*.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2013)

**Figura 2. Distribuição diatópica das variantes lexicais para o QSL 156 na rede de pontos da região Sul**

Nessa carta linguística, observa-se que, no ponto 211 – Tomazina/PR e 249 – São José do Norte/RS, não há registro de nenhuma das variantes elencadas na legenda. Isso se deve ao fato de que nessas localidades registrou-se com exclusividade a variante *bolinha de gude*.

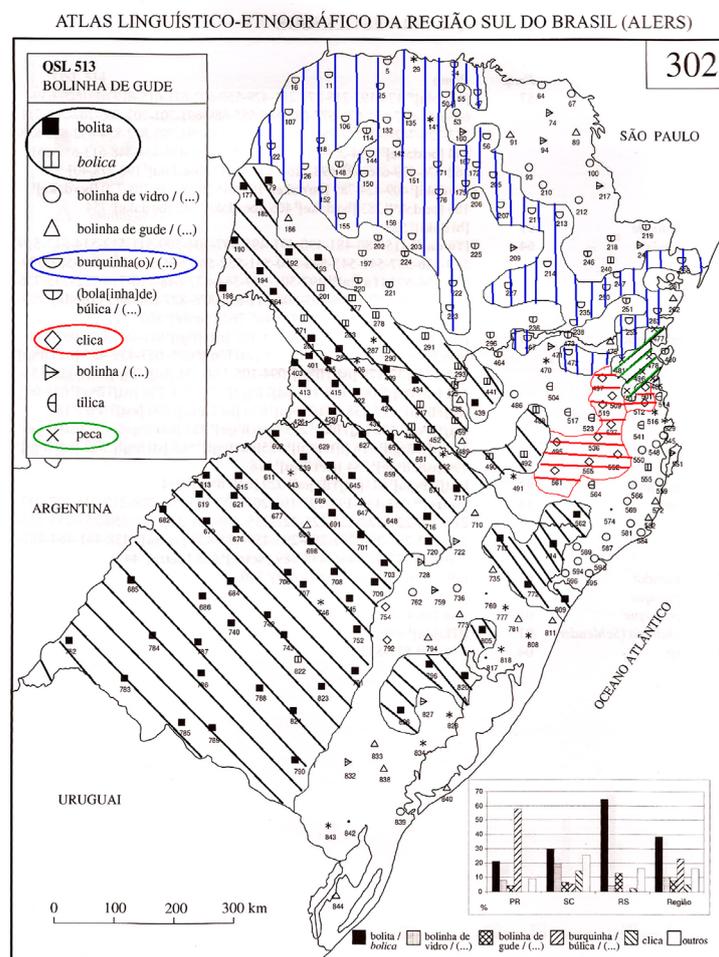
No Estado do Paraná, encontram-se três variantes diatopicamente marcadas, *burca/burquinha*, no norte e noroeste paranaense, *búlica/búrica* com ocorrência no centro-sul e leste do estado e *bolita* registrada em três pontos linguísticos do oeste paranaense. Esta última variante adentra o oeste catarinense – ponto 226 – São Miguel do Oeste – expandindo-se amplamente no território gaúcho.

A variante *bolinha de vidro*, contudo, tem ampla distribuição no Paraná, não estando presente apenas no oeste e sudoeste paranaenses – pontos 215, 217 e 223. Em Santa Catarina, *bolinha de vidro* apresenta-se em quatro cidades litorâneas, além dos pontos 224 – Porto União e 229 – Concórdia. No território gaúcho, essa variante apresentou-se somente nos pontos 240 – Flores da Cunha e no extremo sul do país, ponto 250 – Chuí.

Como variantes típicas de Santa Catarina encontram-se as formas *bulica* e *peca*. A primeira registrada nos pontos 224 – Porto União, 229 – Concórdia e 231 – Lages, com diferentes índices de ocorrências, e a segunda, *peca*, exclusivamente, no ponto 225 – São Francisco do Sul. A variante *quilica/clica*, por sua vez, apresentou-se no ponto 227 – Blumenau (SC) e em 217 – São Miguel do Iguazu (PR), localizado no oeste do Paraná.

Comparando os dados documentados pelo Projeto ALiB com os da carta 302 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011), verificou-se que no Atlas não há o registro da variante *bulica* em nenhum dos três estados, porém, a variante *peca* compõe uma área de isoléxica no Estado de Santa Catarina.

A título de ilustração, apresenta-se, na Figura 3, a carta 302 do ALERS com adaptações que revelam quatro padrões de variação lexical na região Sul. Assim, verifica-se que há outros aspectos coincidentes em relação às áreas linguísticas dessa região.



**Figura 3. Áreas linguísticas na região Sul a partir da carta 302 do ALERS (adaptação)**

Conforme a Figura 3, a variante *bolita* distribui-se na parte central e oeste do território sul-rio-grandense, adentrando o oeste de Santa Catarina e o sudoeste do Paraná, podendo ser identificada, nesta região, uma área de isoléxica, a qual, embora com diferentes índices, ainda se encontra nos dados do ALiB, conforme atesta a Figura 2. Isso ratifica a presença da área dialetal denominada por Altenhofen (2005, p. 188-189) como *corredor oeste de projeção rio-grandense* e confirma a hipótese do avanço da área rio-grandense, por um corredor lateral, através do oeste de Santa Catarina até o sudoeste do Paraná.

A segunda área que configura outro padrão lexical na região Sul apresenta-se sob a isoléxica da variante *burquinha*. No ALERS, essa área abrange o centro, o sudeste e o litoral paranaense, ao passo que, nos dados do ALiB, restringe-se, exclusivamente, ao norte e noroeste do Paraná. Altenhofen (2005, p. 191) afirma ser esta uma área à parte na região Sul, pois, sob o ponto de vista fonético, algumas variantes apresentam forte propensão a fenômenos inovadores, como é o caso da vocalização da lateral /l/ em final de sílaba, p. ex. em *calção* e *revólver*, e denomina essa área como *zona lateral do Paraná do norte* identificada por Koch (2000, p. 59) como feixe *secundário paranaense*. Segundo o autor, esse feixe

diferencia-se das demais regiões, pois veio a ser colonizada apenas no século XX por paulistas e mineiros. Uma possível justificativa para o recuo dessa área de isoléxica, em comparação aos dois *corpora* (do ALERS e do ALiB), pode ser a distância temporal que separa ambos os atlas e as especificidades metodológicas de cada um, haja vista que o ALERS retrata, principalmente, o falar rural da década de 1980 sob o ponto de vista monodimensional; enquanto o ALiB – atlas pluridimensional em sua essência – representa a fala de informantes urbanos do século XXI.

Em Santa Catarina, os dados apontam a ocorrência de duas áreas linguísticas que dividem o estado no sentido oeste-leste, separadas pela Serra Geral, conforme atesta o trabalho de Margotti e Vieira (2006). Na porção oeste do estado, observa-se a ocorrência de *bolita*, enquanto, na leste, ocorrem outras variantes. Nesse sentido, além da presença de outras variantes e da identificação dessas duas áreas, observa-se a existência de mais três áreas de isoléxicas que diferem os padrões de variação na região Sul.

A terceira área compreende as localidades do litoral norte de Santa Catarina, com a variante *peca*. Nos dados do ALiB, *peca* foi produtiva com ocorrência exclusiva em uma única localidade – São Francisco do Sul (ponto 225). Considerando-se as particularidades e os objetivos do Projeto ALiB, como a rede de pontos menos densa, de certo modo, essa área ainda preserva traços das zonas de isoléxica documentadas no ALERS. Nesse sentido, esses resultados corroboram, parcialmente, a hipótese de Margotti e Vieira (2006, p. 258) sobre a área lateral no nordeste do estado “isenta de projeções rio-grandenses e hipoteticamente influenciada pelas projeções paranaenses”. O que se verificou, no entanto, é que essa área da variante *peca* não revela traços de projeção paranaense, haja vista que nos dados do ALiB a referida variante não ocorreu em nenhum dos pontos linguísticos além da cidade catarinense São Francisco do Sul, e, no ALERS, restringiu-se apenas às cidades localizadas naquela região.

A quarta área de isoléxica na região Sul refere-se ao uso da variante *clica*. No ALERS, a área de ocorrência dessa variante compreende localidades situadas no interior do estado de colonização europeia, como por exemplo, a alemã. Nos dados do ALiB, observa-se que *clica* manteve sua área em uma localidade do interior catarinense – Blumenau (ponto 227), conforme se apresenta no ALERS, porém essa variante foi registrada também em um ponto no oeste paranaense, São Miguel do Iguçu (ponto 217). Verifica-se, portanto, que nos dados urbanos (ALiB), a variante *clica* não foi registrada, exclusivamente, no Estado de Santa Catarina, mas sim revela os traços de bilinguismos decorrentes dos processos de colonização na região Sul, conforme atestou Vieira (2004), haja vista que tanto Blumenau quanto São Miguel do Iguçu foram colonizadas por imigrantes alemães e, esta última também por italianos.

Por fim, a quinta área de isoléxica na região Sul refere-se à ocorrência da variante *bulica*, não documentada nos dados do ALERS, mas registrada no *corpus* do ALiB em uma área geográfica localizada nos campos de Lages – parte central de Santa Catarina. Altenhofen (2005, p. 197) não definiu essa área (hipótese 8 do referido estudo, p. 192), pois julgou ser mais restrita a determinados fenômenos do léxico. Assim, “as isoglossas que acompanham as rotas de migração dos séculos XVII e XVIII não foram incorporadas” à sistematização feita pelo autor (ALTENHOFEN, 2005, p. 197). Verifica-se que nessa região houve o intenso contato entre paulistas e gaúchos como caminhos de campo por onde era mais fácil conduzir gado e mercadorias, considerando-se a topografia da região

(ALTENHOFEN, 2005, p. 192). Vale notar ainda que a variante *bulica* ocorreu também no ponto 208 – Nova Londrina –, fronteira política do Paraná com São Paulo e Mato Grosso do Sul. Seria *bulica* uma forma típica de paulistas que, por ventura, ainda persiste no vocabulário dos nativos daquela área de Santa Catarina? Ou, como parece indicar o sufixo *ica*, seria a presença gaúcha na região, remanescente da época do tropeirismo? A insuficiência de estudos sistemáticos que permitam a intercomparação de fatos linguísticos específicos do Estado de São Paulo em relação aos da região Sul não possibilita, até o momento, responder com segurança a uma ou outra indagação.

Finalizando a análise dos dados, verifica-se que Santa Catarina é o estado intermediário de dois grandes padrões de variação linguística no sul do país, o paranaense e o rio-grandense, conforme atestam Koch (2000) e Altenhofen (2005).

O fenômeno linguístico aqui analisado – as variantes lexicais para *bolinha de gude* – permitiu comprovar três das oito áreas dialetais estabelecidas por Altenhofen (2005): (i) *área de transição (Leque Catarinense*, postulado por Koch 2000) – caracterizada no *corpus* do ALiB tanto por variantes típicas do Rio Grande do Sul quanto do Paraná; (ii) *corredor oeste de projeção rio-grandense* – caracterizada pela ocorrência de *bolita*; (iii) *zona lateral do Paraná do norte (Feixe Paranaense*, na interpretação de Koch 2000) – documentada pela presença da variante *burca/burquinha*. Além disso, verificou-se a ocorrência de outras três áreas: (iv) uma no *litoral norte de Santa Catarina* (ocorrência da forma lexical *peca* – nas imediações de São Francisco do Sul); outra nas (v) *áreas de colonização europeia* – com a ocorrência da variante *clica*, sobretudo em localidades de colonização alemã como Blumenau e São Miguel do Iguçu, o que revela traços de bilinguismo na região Sul. Por fim, a última área que define diferentes padrões lexicais no sul do Brasil está localizada no (vi) *interior central de Santa Catarina*, com a variante *bulica*, que, possivelmente, revela características do contato entre gaúchos e paulistas durante o tropeirismo no Brasil.

## Considerações finais

A partir do *corpus* analisado e do objetivo central do trabalho, o estudo permite concluir que a região Sul do Brasil apresenta mais diferenças do que semelhanças, não podendo, portanto, ser classificada como uma área linguística homogênea. Há diferentes padrões de variação lexical nessa região considerando-se a história social de cada um dos estados que a compõe, o que se reflete, sobretudo, no léxico.

A princípio, podem-se delimitar seis áreas lexicais, das quais três coincidentes com as apontadas por outros estudiosos como Altenhofen (2005) e Koch (2000). O que se observa na região Sul é a presença de dois grupos de falares: o do norte paranaense e o do sul-rio-grandense. Entre esses dois falares, encontra-se o Estado de Santa Catarina como (i) *área de transição* que recebe influências gaúchas e paranaenses; (ii) *corredor oeste de projeção rio-grandense*, localizado no oeste de Santa Catarina e Paraná; (iii) *zona lateral do Paraná do norte*, caracterizada pela sua identificação linguística com o Estado de São Paulo; (iv) *área do litoral norte de Santa Catarina*; (v) *áreas de colonização europeia* que revelam traços de bilinguismo e, por fim, (vi) *área do interior central de Santa Catarina*.

Obviamente, as análises parciais aqui apresentadas não são definitivas. Análises de outras cartas lexicais do ALERS juntamente com a descrição das respostas a outras questões do Questionário Semântico-Lexical do ALiB poderão refutar ou confirmar as

hipóteses ou mesmo indicar outras áreas dialetais na região Sul. Não obstante, os resultados permitem confirmar algumas áreas dialetais já preconizadas por outros pesquisadores, como Koch (2000), Altenhofen (2005) e Margotti e Vieira (2006), contribuindo, dessa forma, para a descrição do português do Brasil sob a perspectiva geolinguística.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná*. 1990. 426 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis, 1990.

ALTENHOFEN, C. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.

ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. S. (Org.) *Atlas linguístico-etnográfico da Região sul do Brasil: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora UFRGS; Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Questionários 2001*. Londrina: Eduel, 2001.

GÖRSKI, E. Fenômenos variáveis na região sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado nas três capitais. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 806-817, maio/ago. 2012. Disponível em: <[http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012\\_v2\\_t32.red6.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t32.red6.pdf)> Acesso em: 2 maio 2013.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.) *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Maim: TFM, 2000. p. 55-69.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

MARGOTTI, F. W.; ROCHA, P. G. da. Cerro e sanga: empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <[http://celsul.org.br/Encontros/08/cerro\\_e\\_sanga.pdf](http://celsul.org.br/Encontros/08/cerro_e_sanga.pdf)>. Acesso em: 9 maio 2013.

MARGOTTI, F. W.; VIEIRA, H. G. Características de uma área lexical heterogênea na região Sul do Brasil. In: VANDERSEN, P. (Org.) *Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 245-260.

MENON, O.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas, RS: Educat, 2002. p. 147-188.

- MERCER, J. L. da V. *Áreas fonéticas do Paraná*. 1992. 161 f. Tese (Admissão como Docente Titular) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.
- MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.
- \_\_\_\_\_. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLIS-CHONN, G. (Org.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2009. p. 141-151.
- MONGUILHOTT, I. de O. A variação na vibrante florianopolitana: um estudo sócio-geolinguístico. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 147-169, jan./jun. 2007.
- PINHO, A. J. de; MARGOTTI, F. W. Aspectos de variação lexical no sul do Brasil: o demônio varia no sul? *Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*, Itabaiana, v. 9, n. 9, p. 51-66, ago./dez. 2009. Disponível em: <[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_9/INTER9\\_Pg\\_51\\_66.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_9/INTER9_Pg_51_66.pdf)> Acesso em: 8 maio 2013.
- ROST, C. A. *OLHA e VEJA: multifuncionalidade e variação*. 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- VIEIRA, H. G. Traços de bilinguismo no léxico catarinense: um estudo pluridimensional. In: ENCONTRO DO CELSUL, 6., 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <<http://celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/175.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2013.